# Amor, desejo e gozo na função analítica

Bárbara Guatimosim

*"(...) é do não todo que provém o analista".*
J. Lacan, Nota Italiana

## a psicanálise é uma erótica

A psicanálise introduz uma nova erótica na vida pulsional, nem tanto pelo desmascaramento de uma evidência do sexual na vida humana desde o infantil, que Freud denunciou com grandes conseqüências e muito escândalo, mas por uma nova forma de lidar com isso, distinta do pensamento e práticas dominantes[1]. Lacan reitera a dimensão sexual da experiência do ser falante na teorização psicanalítica com avanços, e a seu modo. Segundo Lacan, Freud poderia ter falado de sua doutrina como uma erótica, mas teve receio da palavra. Se Freud não abriu mão da força do sexual, nem por isso o termo impediu a psicanálise de ser tomada muitas vezes como uma sexologia[2]. Nesse sentido, Lacan ousou mais. A psicanálise é "a ciência das eróticas do corpo" nomeia Lacan, parafraseando Erixímaco no "Banquete" de Platão, ao definir a medicina[3]. A psicanálise é "uma práxis que merece um nome: Erotologia."[4]. "Temos que explorar o que o ser humano, ao longo dos tempos, foi capaz de elaborar que transgredisse essa Lei, colocando-o numa relação com o desejo que ultrapassasse esse vínculo de interdição e introduzisse, por cima da moral, uma erótica"[5], para citar alguns momentos nos quais a psicanálise se firma como uma erótica, na elaboração lacaniana. Sendo a psicanálise uma ética e, mais ainda, uma erótica, a partir disso, pretende-se perscrutar o efeito, não da aplicação, mas da implicação dessa concepção na práxis mesma da psicanálise. Se, depois de Freud, não podemos mais desconsiderar o desejo, o amor e a economia do gozo na vida humana e naqueles que buscam tratamento na psicanálise, sairia disso incólume a própria práxis psicanalítica?

Quais as conseqüências de se entender como uma erótica o exercício da função analítica? Sabemos que o desejo do psicanalista não é qualquer desejo, mas desejo de diferença absoluta, de-

[1] "O conceito de 'sexualidade' e, ao mesmo tempo, de pulsão sexual, teve, é verdade, de ser ampliado de modo a abranger muitas coisas que não podiam ser classificadas sob a função reprodutora, e isso provocou não pouco alarido num mundo austero, respeitável, ou simplesmente hipócrita." Freud (1976), *Além do princípio do prazer*, p.71.

[2] A sexualidade tratada como uma maturação biogenética do desenvolvimento, sendo seu ápice alcançado no amor e gozo genitais, que Lacan denunciou incansavelmente como uma normatização apoiada no instintual, desmentindo a subversão da concepção freudiana das pulsões e do sexual.

[3] Lacan (1992), *A transferência*, p.77.

[4] Lacan (2005), *A angústia*, p.24.

[5] Lacan (1986), *A ética da psicanálise*, p. 106.

sejo do desejar, na visada do único de cada um. Sabemos, ainda, que o amor na psicanálise busca ultrapassar o *amódio* constitutivo e infiltrado no mais cotidiano de nossas vidas, na transferência amorosa, levando-nos a alçar coisa mais digna: um novo amor,"ou um amor sem limites". Amor articulado a um desejo indestrutível, na via aberta do encontro contingente: sem garantias.

A ética psicanalítica, fundada e orientada nesse desejo e na via desse amor, não vai sem a perda e a suspensão de gozo para o dispositivo analítico. Para não seguirmos esta prescrição como um mero mandamento tipo -"Não gozarás", a proposta é prosseguir com insistência no ternário: amor, desejo, e gozo, apostando que a psicanálise possa ter uma resposta diferente em relação ao gozo para a função analítica, como, por sua vez, responde de outra maneira ao desejo e ao amor. Se não podemos deixar de afirmar que não existe uma prática sem ética, no caso da psicanálise, na práxis da ética do desejo e do novo amor, estaria essa erotologia livre de todo gozo? Ou haveria uma"*erética*" na função analítica que incluiria a dimensão do gozo? E a pergunta procede por encontrarmos nessa eliminação, sem mais talvez da presença do gozo, o retorno de um gozo comum freqüentando com certa assiduidade a causa analítica que, assim preenchida, se esvazia de desejo e se esvai em sua ética, no mais velho e conhecido amor.

## o gozar na função analítica: os desvios perversos do gozo fálico

A posição de objeto *a*, posição dita do analista, pode ser ocupada de várias maneiras, já que o próprio conceito de objeto *a* não se define somente como objeto causa do desejo, mas ainda pelo objeto suporte das pulsões, objeto agalmático da transferência, o objeto da fantasia, o mais de gozar, para mencionar algumas de suas declinações. Apesar de se esperar do psicanalista, instituído como SSS, a função de objeto causa, (quem e como se espera isso, senão na ética da psicanálise?) sabe-se que não é incomum ser como objeto de gozo, na prenhez do *ágalma*, que o paciente espera por seu analista - seja como objeto tamponador da fantasia neurótica, com o qual pode na comunhão cumpliciar-se, seja como objeto/instrumento de um saber fazer gozar, na posição perversa, com vistas à completude, ou ainda na expectativa maciça de um *a* inflado, um Outro, mestre absoluto, na demanda

psicótica..[6]

O final de análise exigido para produzir um analista só pode, então, conduzir o analisante em falta, que se aventura na operação de separação, à perda, ao objeto causa do desejo, esvaziado de gozo fálico, gozo que tão freqüente e cotidianamente acomete o objeto *a* . E no impacto da falta radical, o lado fálico pode sempre cobrir o lance, pois, de alguma forma, sempre promete o todo na via do engodo significante, S1, S2...etc., acenando "para todo" e/ou para o Um da exceção - incastrável.

## o gozar na função analítica: o gozo outro

O circuito final de uma análise, uma vez alçado, no qual se localiza o tornar-se analista, (posição insustentável para um sujeito que se atropela com sua barra, na busca de curar-se/livrar-se dela), só pode manter-se[7] em seu relançamento causal ao se alcançar também a convicção da incompletude do Outro, a verificação de sua inconsistência, (pois evidentemente não basta a convicção do inconsciente[8], um dos nomes do Outro) que faz este esvaziamento do objeto *a* não ser episódico, ou uma mera estratégia na direção do tratamento, mas uma política da falta a ser. A constatação se faz no percurso do lado "para todo" para o lado não-todo da fórmula da sexuação[9]. É daí, do não todo, que advém uma mulher e também donde provém o analista, já por tantas vezes e, não por acaso, identificado na posição feminina. Nesse espaço destotalizado, há o acesso à posição de objeto *a*, que uma mulher e um analista podem ocupar, mas também o alcance de um gozo Outro, gozo d'Ⱥ mulher, designado por Lacan com o matema S (Ⱥ)[10] - ou seja, a falta de um significante que diga tudo, o vão no suposto universo do discurso – a inconsistência do Outro. No alçar à posição de objeto *a*, podemos verificar o tornar-se analista, mas no acesso ao gozo Outro, a garantia de manter-se analista.[11] Pois, se partimos do fato de que não há discurso, nem práxis, completamente excluídos de uma erótica, pode-se designar o gozo Outro, alcançado pelo lado aberto, incompleto, como sendo o gozo do analista; e condição mesma da sustentação de sua função que, se não provém de um desejo puro, também não se mantém num puro desejo. Se o sujeito goza constitucionalmente por sofrer a condição desejante, o analista não só é afetado pelo

[6] André (1995) considera o *Diário clínico* que Ferenczi nos deixou como "(...) um depoimento sobre o descaminho pelo qual um psicanalista pode ver-se arrastado quando sua prática se transforma numa encenação de sua própria fantasia. (...) Para Ferenczi, o desejo do analista não constituiu um limite ao gozo que a transferência lhe proporcionava." *A impostura perversa*, p.55.

[7] Para retomar uma questão na qual insiste Guyomard (1996) no *Gozo do Trágico*: "Como permanecer psicanalista?". p.12, e ainda no desenvolvimento da questão:" – no exato momento em que assume a transferência, não se espera simplesmente que ele se tenha tornado psicanalista, *mas que continue a sê-lo.*", p.10.

[8] Para manter-se psicanalista é necessário um desejo, não basta agüentar a transferência. Não se sustenta uma análise na resistência passiva da posição de objeto *a*. Pois se o analista conta com o inconsciente – e a convicção no inconsciente ainda não é um bem comum, desde Freud - ele só funciona, analisa, com seu desejo. Ver Guyomard, Ibid., p.13.

[9] Sigo a fórmula da sexuação explicitada por Lacan (1982) em *Mais, ainda*, p.105. Ver fig. 1, no final do texto.

[10] Ibid., pp..112-113.

[11] Nas lições de 21 e 28 de março de 1962 do Seminário da Identificação, pode-se acompanhar como Lacan extrai logicamente o S (A/) como sítio donde se obtém a segurança do impossível, o "seguramente não".

desejo, mas sustenta-o em sua radicalidade.[12] Eis por que, me parece, Lacan toma como um "risco louco", o tornar-se analista.

Evidentemente, está aqui em jogo como gozo, não algumas satisfações inegáveis que o sujeito suporte da função analítica pode obter nos atendimentos. O prazer de receber, ouvir, investigar, intervir, não interfere necessariamente de modo desviante ou favorável no exercício da análise e não pode ser considerado como uma posição gozosa; pois o fundamental é o analista, em sua posição, sustentar o lugar de causa e não gozar com a condição analisante, com sua demanda, ou mais precisamente, com sua falta. Se tomarmos a questão na perspectiva da estrutura borromeana, nenhum dos gozos (fálico, do sentido e Outro) é incompatível com o desejo; ao contrário, a ele se articulam, desde que o objeto *a* central se mantenha na sustentação do enodamento, ou seja, em sua função de *separação*.

Feito o aparte e perseguindo a questão, não basta então que o analista se empreste como objeto *a*, é preciso também que, desde Outra posição, o esvazie de gozo fálico ao injetar seu desejo[13]; pois, ao se emprestar como objeto *a*, corre o risco de oferecer-se como objeto de gozo, de sair-se a "mais linda noiva"[14], ao invés de ofertar sua causa. Do lugar de S (Ⱥ), o analista detecta os desvios que tentam fazer com que a relação sexual exista.[15] É por isso que há lógica e coerência na dedução de Lacan quanto ao lado feminino: no não todo, no gozo Outro, não é possível a perversão.

A via de S (Ⱥ) está ligada ainda ao amor infinito do gozo feminino que, por ser um infinito delimitado - tanto no enodamento borromeano[16] como na fórmula da sexuação, pelo tensionamento e significação que lhe confere o vetor Φ [17] - para além do *amódio* e, sem equivaler-se ao amor místico, ou transcendental, pode dizer melhor deste amor do final de análise do que o "amor sem limites", do qual fala Lacan ao termo do Seminário XI.[18] Pelo ângulo desse amor infinito, pode-se ler o acesso ao entusiasmo – que não é uma das paixões do ser - sem o qual não há analista[19], esclarecendo ainda por que esse gozo Outro em S (Ⱥ) não pode ser almejado como um bem, ganho de gozo, mas tocando em uma posição limite diante do incomensurável, face à alteridade irredutível do Outro, o enigma do desejo sempre Outro que nos escapa.

A menos que nos submetamos a um gozo esfíngico de

[12] Mesmo que Lacan não se refira diretamente ao desejo do analista, na citação que segue, indica muito claramente que há no fundamento de todo desejo humano um "sofrer", um masoquismo original, em ser desejante. O sujeito "goza por desejar" p.325. "Frisei em diversas ocasiões, nas últimas vezes, a maneira como o desejo, na medida em que aparece na consciência, manifesta-se sob uma forma paradoxal na experiência analítica – ou, mais exatamente, o quanto esta promoveu um caráter inerente ao desejo como desejo perverso, que é o de ser um desejo à segunda potência, um gozo com o desejo como desejo". P.331, *As formações do inconsciente*. Evidentemente este "sofrer o desejo" pode se fixar como gozo perverso em uma posição masoquista, mas o que aqui se articula é a presença deste gozo como Outro na raiz de todo desejo.

[13] Lacan, *A angústia*, op. cit., p. 366.

[14] "O que o analista tem a dar, contrariamente ao parceiro do amor, é o que a mais linda noiva do mundo não pode ultrapassar, ou seja, o que ele tem. E o que ele tem nada mais é do que seu desejo, como o analisado, com a diferença de que é um desejo prevenido. E o que pode ser tal desejo, propriamente falando, o desejo do analista? (...) Ele não pode desejar o impossível". Lacan, - *A ética da psicanálise*, op. cit., p.360.

[15] "A partir de que outra fonte que não esse Outro – o Outro de meu grafo, e expresso pelo S de A barrado: *nãotoda* – poderia o analista censurar o que pulula da chicana lógica pela qual se desvirtua a relação com o sexo, ao querer que seus caminhos cheguem à outra metade?" Lacan (2003), *O aturdito*, p.469.

[16] Ver fig. 2. Extraída do texto *A terceira*, Lacan (1974) no site: http://www.freud-lacan.com.

[17] Pois não basta experimentar a incompletude do Outro. É preciso extrair sua significação. Já no Seminário V, na construção do grafo do desejo, Lacan articula Φ e S (Ⱥ): "Foi isso que em minhas pequenas fórmulas, eu lhes designei por S (Ⱥ), o significante do A barrado. Trata-se, muito precisamente, do que acabo de definir como sendo a função do significante falo, ou seja, a de marcar o que o Outro deseja como marcado pelo significante, isto é, barrado." p.379.

devoração, ou a uma eterna decifração imaginária do enigma do Outro (decifração esta que apenas faz sentido se se almeja ser o falo que falta ao Outro), seria mais feliz determo-nos no seu desejo, ou seja, em sua causa: falta contundente da qual ecoa nem mesmo o "não", mas o silêncio, com a correlativa dissolução da angústia.

O gozo do impossível de significantizar, que não participa do serviço dos bens, sem benefício, é também o gozo do santo, que nutre sua descaridade com um desperdício de pura perda. Tal ascese, e não uma virtude moral ou pureza da alma às quais nem Freud[20], nem Lacan, nunca renderam crédito, é que vale ao analista para poder operar como resto causal - e não qualquer rebotalho[21] - para que o analisante, desde aí, se situe em seu desejo. São muito instigantes as observações de Lacan sobre a "santidade" do analista: "Quanto mais somos santos, mais rimos"[22]. Mas rimos de quê? Ri-se de nada, de graça, graça intransitiva. Mas se ele ri, isso talvez seja índice desse gozo da derrisão, do irrisório, de um ridículo proveniente da real impossibilidade de um Outro pleno.

Nesta elaboração, não cabe só a analogia, mas a distinção, partindo do lado não-todo, entre os modos como o ocupam uma mulher e um analista. Como objeto *a*, a mulher consente em ser tomada como objeto causa de amor, desejo e gozo, prestando-se a ser tela ou receptáculo da fantasia erótica do homem. À parceria não interessa o desvelamento, onde apareceria o vazio de ser da causa. Ao contrário, a mulher desejante de se manter como eleita de um homem, como seu sintoma, dedica-se a sustentar, mesmo de modo não-todo, o recobrimento desejável que ele lhe destina.

O analista, embora entre na cena analítica como objeto *a* agalmático, depositário da fantasia amorosa de um Alcibíades, sabe, por sua análise, estar, desde o início, na posição de resto destinado ao *desser*, à queda, desprendendo-se do velamento à medida que o trabalho analítico avança, dedicando-se a fazer funcionar o objeto causa até o esgotamento ou corte, que o dispensa desse semblante, desvelando-o como tal.

No lugar do S (Ⱥ), na via do gozo Outro, Ⱥ mulher pode até convocar a parceria do íncubo ideal -divino ou diabólico-, em que o homem pode até comparecer, não sem perder sua humanidade, ao confundir-se com as versões do Outro, figurações

[18] Lacan (1979), *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* p. 260. Com a ressalva de que Lacan não deixa de dizer que este "amor sem limites", não é simplesmente ilimitado, mas fora dos limites de uma Lei imperativa.

[19] Lacan (2003), *Nota Italiana*, p. 313.

[20] Freud (1976) em seu texto *Observações sobre o amor transferencial*, diz que o analista nunca deve recusar a demanda de amor baseado em exigências de renúncia e preceitos morais, mas por razões analíticas e justifica-se: " (...) posso remontar a prescrição moral à sua fonte, ou seja, a conveniência." p. 213.

[21] Lacan (2003), *Discurso na E.F.P.*, p.281.

[22] Lacan (2003), *Televisão*, p.519.

do real impossível. A mulher, na solidão deste gozo, não se furta, muitas vezes, a tentar nomeá-lo e significantizá-lo, indo da experiência do êxtase mudo, à proliferação de sentidos nos quais não faltam apelações imaginárias na descrição de seu enlevo, como se lê no testemunho de algumas místicas (segundo Lacan, essas mulheres que falam do que experimentam). O gozo do impossível, da não relação sexual, faz também louvor no amor cortês, erótica paradigmática que Lacan retoma, relevando sua estrutura na constatação de que "o ser falante passa ainda o tempo em falar de pura perda" [23]. Enfim, por não poder se fechar em arte padrão, esse campo Outro, D'A mulher, se abre para as *pluripoéticas* da sublimação - a bem dizer, enquanto modos de cingir o impossível pois, sendo a Coisa inominável, inatingível, barrada, é correlativa ao S (Ⱥ), pois falta um significante que a apreenda - na qual o fazer a corte, fazer a borda, é traçar uma lógica que realiza a ausência de relação, o vazio que todo vaso conclui, revelando ainda a significação fálica (Φ) aí presente.[24] A marca significante que faz barreira ao incesto.

O movimento sublimatório, se transportado para a cena analítica, é, na transferência, obra analisante, ao fazer do analista poema e de sua atopia, dama inacessível, e mesmo ideal, até que se lhe advenha como impossível, ao final. E se a "Dama" é o retrato do objeto desde sempre perdido, ao tornar-se sintoma analítico, faz-se daí o retorno: da Dama, ao dano irreparável, onde o desejo é o único recurso.

Se o gozo feminino suporta a face de Deus[25], o analista em S (Ⱥ) suporta, no gozo Outro, a Outra face de Deus, terceira margem pela qual não é o diabo que responde, mas o real Inominável, pois essa parceria com o impossível só lhe permite esposar a solidão: o real da condição desejante. Sustentar a face do impossível é abraçar um desamparo paradoxal: diante de seu vazio, que não é um nada absoluto, emerge a barra como sustentáculo.[26] De tal posto, o analista agencia e libera a via da *a*- bordagem analítica, via da escrita, para o analisante que, com coragem, possa advir como sujeito e objeto, no singular de seu percurso.

Se uma mulher não alcança o gozo Outro, se não se lhe abre a via de S (Ⱥ), na sua divisão do lado não-todo da sexuação, poderia ela gozar da condição de objeto *a* como suporte da fanta-

[23] Lacan, *Mais, Ainda*, op.cit., págs.115-116.

[24] "(...) dediquemos-nos a ir um pouco mais longe na estrutura do sublime, e que não o confundamos, coisa que Freud, sempre acusa de falso, com o orgasmo perfeito". Lacan (1998), *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, p. 613.

[25] Lacan, *Mais Ainda*, op. cit., p.103.

26 Podemos obter um exemplo desse paradoxo ao transmutar a demanda, a pergunta submetida ao Outro divino, em uma conclusão, na última frase de Cristo: Pai, porque me abandonaste.

sia erótica masculina? Ou é aí que vemos a resistência do ser, em ser Toda sujeito, a incomplacência corporal e subjetiva, principalmente na histeria, em esvaziar-se de "ser ela mesma" para acolher a fantasia do homem, só lhe restando, muitas vezes, o lugar de objeto degradado, a complacência somática, que faz sua erótica na queixa sintomática?

Como uma mulher, um analista não é qualquer resto, qualquer objeto, qualquer objeto *a*. Se ele não se desdobra ao situar-se no lado não todo, em S (Ⱥ), única posição de gozo permitida em sua função – gozo que ratifica a fundação e condição desejantes- poderia ele sustentar o desejo do analista no objeto causa em *a*, desde e até onde ele é exigido, em seu *desser*?

Na escrita desse matema de poucas letras, Lacan diz muito. Na primeira versão de sua "Proposição sobre o psicanalista da Escola", lemos:

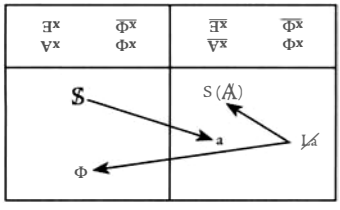
"(...) quem pode articular esse S (Ⱥ) é alguém que não tem nenhum estágio a fazer, nem nos Bem-necessários, nem entre as Suficiências, para ser digno da Beatitude dos Grandes Ineptos da técnica reinante. Pela razão de que, como S (Ⱥ), ele se enraíza naquilo que se opõe o mais radicalmente a tudo aquilo para o qual é preciso e basta ser reconhecido para ser: a honradez, por exemplo.

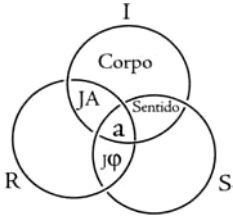
A passagem que ele cumpriu traduz-se aqui de outra maneira. Aqui nem é preciso que creiam que ele atravessou para que o tenha feito. É esse o verdadeiro alcance da negação constituinte da significação da infâmia.

Conotação que seria preciso restaurar na psicanálise.

Vamos descansar. Apliquemos S (Ⱥ) a A.E. Isso dá: E. Resta a Escola ou Experiência (*Épreuve*), talvez. Isso pode indicar que um psicanalista deve sempre poder escolher entre a análise e os psicanalistas."[27]

[27] Lacan, "Proposição de 09 de outubro" 1ª versão, p. 16.



## referências bibliográficas:


ANDRÉ, Serge. (1993) A impostura perversa, Ed. J. Zahar, RJ, 1995.

FREUD, Sigmund (1915) Observações sobre o amor transferencial, Edição Standart, Vol. XII, Imago, RJ, 1976.

FREUD, Sigmund. (1920) Além do princípio do prazer, Edição Standart, Vol. XVIII, Imago, RJ, 1976.

GUYOMARD, Patrick. (1992) O gozo do trágico, ED.J. Zahar, RJ, 1996.

LACAN, Jacques. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder, in LACAN, J., *Escritos* , ED.J Zahar, RJ, 1998.

LACAN, Jacques. (1967) Discurso na Escola Freudiana de Paris, in LACAN, J., *Outros Escritos*, ED.J. Zahar, RJ, 2003.

LACAN, Jacques. (1967) Proposição de 09 de outubro, 1ª versão, in *Documentos para uma Escola*, ano XIV, nº.0, revista Letra Freudiana.

LACAN, Jacques. (1973) Nota Italiana, in LACAN, J., *Outros Escritos*, ED.J. Zahar, RJ, 2003.

LACAN, Jacques. (1973) Televisão, in LACAN, J., *Outros Escritos*, ED.J. Zahar, RJ, 2003.

LACAN, Jacques. O aturdito (1972), in LACAN, J., *Outros Escritos*, ED.J. Zahar, RJ, 2003.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro V - As formações do inconsciente (1957-1958), ED.J. Zahar, RJ, 1999.

LACAN, Jacques. O Seminário - livro VII - A ética da psicanálise (1959-1960), ED.J. Zahar, RJ, 1986.

LACAN, Jacques. O Seminário – livro IX – A Identificação (1961-1962) inédito.

LACAN, Jacques. O Seminário - livro X: A angústia (1962-1963), ED.J. Zahar, RJ, 2005.

LACAN, Jacques. O Seminário - livro XI: Os quatro conceitos fundamentais (1964), ED.J. Zahar, RJ, 1979.

LACAN, Jacques. O Seminário - livro XVIII - A transferência (1961-1962), ED.J. Zahar, RJ,1992.

LACAN, Jacques. O Seminário - livro XX : Mais, Ainda (1972-1973), Ed. J. Zahar, RJ, 1982.

resumo

O presente texto trabalha a função analítica como uma práxis que implica não só uma ética, mas também uma erótica, onde amor, desejo e gozo se articulam em uma outra dimensão, a partir da causa analítica. A *erética* desse ternário pode sustentar a incompletude e ratificar a inconsistência do Outro, desde a experiência analítica, gerando conseqüências na prática do fazer Escola.

palavras- chave

amor, desejo, gozo, erótica, impossível.

## abstract

The present text works the analytical function as a *praxis* that imply, not only an ethic, but beyond that, an erotica, in which love, desire e jouissance articulate thenselves in another dimension, taking as a reference the analyical cause . The *eretica* of this trio, can sustain the incompleteness and ratify, the inconsistence of the Other, by way of the analytical experience, generating consequences in the practice of making School.



## key words

Love, desire, jouissance, erotica, impossible.

## recebido

30/03/2007

## aprovado

27/06/20